



## **O CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A CULTURA CORPORAL COMO UMA NECESSIDADE PARA EXISTÊNCIA HUMANA**

*Knowledge in Physical Education: Body Culture as a need for human existence*

SCAPIN, Gislei José<sup>1</sup>; SOUZA, Maristela da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O corrente estudo tematiza a Educação Física Escolar no plano da Cultura Corporal enquanto produto do *trabalho* e determinante essencial para a existência humana. Para tanto, lançamos mão da filosofia marxista à luz do Materialismo Histórico e pelo método Dialético de análise e apreensão da realidade objetiva. Elaboramos uma construção teórica a partir de um estudo bibliográfico, dialogando com as leis universais das categorias metodológicas: totalidade, mediação e contradição, bem como com as leis particulares das categorias de conteúdo: Trabalho-Conhecimento, Educação-Educação Física, Cultura Corporal-Educação Física Escolar. Nosso estudo elucida a produção de conhecimento, sobretudo em Educação Física, e o processo de generalização e socialização dos saberes elaborados pela humanidade na relação com a natureza e com seus pares no movimento histórico de produção de sua existência. Reiteramos, por fim, a importância da Cultura Corporal enquanto parte da cultura e produção humana constituinte da corporeidade dos sujeitos, a partir da sistematização das práticas corporais e ampliação do acervo cultural dos sujeitos sociais.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Educação Física. Cultura Corporal.

**Abstract:** The current study thematizes Physical Education in the Body Culture plan as a product of *work* and essential determinant for human existence. To this end, we use Marxist philosophy in the light of Historical Materialism and the Dialectical method of analysis and apprehension of objective reality. We elaborate a theoretical construction based on a bibliographical study, dialoguing with the universal laws of the methodological categories: totality, mediation and contradiction. , as well as with the particular laws of the content categories: Work-Knowledge, Education-Physical Education, Body Culture-Physical Education School. Our study elucidates the production of knowledge, especially in Physical Education, and the process of generalization and socialization of the knowledge elaborated by humanity in relation to nature and with its peers in the historical movement of production of its existence. Finally, we reiterate the importance of Body Culture as part of the culture and human production that constitutes the corporeality of the subjects, based on the systematization of body practices and expansion of the cultural collection of social subjects.

**Keywords:** Knowledge. Physical Education. Body Culture.

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Mestrado em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos – CEFD. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, Brasil. E-mail: gjscapin@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Desportos Individuais. Centro de Educação Física e Desportos – CEFD. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, Brasil. E-mail: maristeladasilvasouza@yahoo.com.br



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O corrente estudo tematiza a Educação Física Escolar no plano da Cultura Corporal enquanto produto do *trabalho* e determinante essencial para a existência humana. Para tanto, nosso caminho teórico será traçado pela filosofia marxista à luz do Materialismo Histórico e pelo método Dialético de análise e apreensão da realidade objetiva, elucidando o movimento de elaboração das bases materiais de produção da existência humana por meio da categoria *trabalho*, bem como os processos de produção e generalização do conhecimento, sobretudo, da Educação Física e da Cultura Corporal. Ponderando, por fim, a importância da Cultura Corporal enquanto parte da cultura e produção humana constituinte da corporeidade dos sujeitos, a partir da sistematização das práticas corporais e ampliação do acervo cultural dos sujeitos sociais.

Nosso ponto de partida *a priori* é a realidade concreta, sintetizada por múltiplas determinações, compondo um todo estruturado que se desenvolve e se produz (KOSIK, 1976). Neste real-concreto, o homem, enquanto ser histórico-social se manifesta em unidade como um sujeito biológico, cultural, afetivo, político, cognitivo, dentre outros aspectos. A saber, um ser em totalidade que se relaciona com a natureza e com seus pares na busca pela produção de sua existência e sobrevivência. Leontiev (1978, p. 261) entende a figura humana como um “produto da evolução gradual do mundo animal e tem uma origem animal” e, ademais, complementa a totalidade humana com a vinculação à natureza social e a vida em sociedade, no seio da cultura produzindo leis sócio-históricas, produtos do *trabalho*.

É mister, portanto, situarmos nosso entendimento e acepção da categoria *trabalho* que norteará a elaboração deste estudo. De antemão, expomos a conceituação sobre o *trabalho* fazendo referência ao aspecto marxista do termo. Nesta perspectiva, o *trabalho*, em sua dimensão ontológica e histórica, é compreendido como atividade humana que produz bens e serviços, bem como elemento constitutivo *em si* da práxis humana no processo de produção da existência dos indivíduos e das coletividades no intercâmbio com a natureza.

Em Marx (2010, p. 84), o *trabalho* assume uma condição vital, ou seja, uma “atividade vital”. Para o autor, a atividade vital aparece como meio para satisfação das necessidades e carências indispensáveis para manutenção da existência física do gênero humano e, ademais, corrobora para ação produtiva da sua própria consciência, transformando-se em “atividade vital consciente”. Em suma, o *trabalho* enquanto atividade vital é uma categoria mediadora, síntese da objetivação e apropriação das relações humanas com seus pares e com a natureza



para produzirem sua existência e sua consciência, estando diretamente vinculada com as transformações históricas e produtivas das sociedades contribuindo para a criação de bens materiais e imateriais.

Na relação com os (outros) animais, o gênero humano extrapola os limites do imediatismo e da natureza biológica. Ele atua sobre a natureza com a intenção e possibilidade de produzir para além de sua necessidade e de sua prole – produz num caráter universal. O humano atua, ademais, pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e socializados via educação e cultura, pontos retomados *a posteriori*. Andery et al. (2014) apresentam outra dimensão da relação homem-natureza ao evidenciarem que a natureza se humaniza ao ser explorada pela ação humana na mediação com o *trabalho*.

A atuação do homem diferencia-se da do animal porque, ao alterar a natureza por meio da sua ação, ele a torna humanizada; em outras palavras, a natureza adquire a marca da atividade humana. Ao mesmo tempo, o homem altera a si próprio por intermédio dessa interação; ele vai se construindo, vai se diferenciando cada vez mais das outras espécies animais. A interação homem-natureza é um processo permanente de mútua transformação: esse é o processo de *produção da existência humana*. (idem, p. 10)

Neste sentido, Duarte (2013) reitera a especificidade e capacidade do gênero humano em criar e desenvolver suas características ao longo do processo histórico de objetivação da natureza – pela atividade social/vital – e apropriação da natureza transformada. Evidenciamos, por conseguinte, a capacidade de permanente transformação do homem. Este, ao agir e transformar a natureza, transforma a si próprio, resignificando-se e dando novo sentido ao seu ser e ao seu meio. Sua ação se manifesta de forma intencional e objetivada, seus interesses pessoais e coletivos pautam o (seu) movimento de exploração da natureza em detrimento da ordem e do bem estar natural..

Concomitantemente ao movimento de mudanças e evolução histórica do ser humano em sua totalidade, sua capacidade de produzir e criar os meios e os instrumentos para manter sua existência foi sendo desenvolvida e aperfeiçoada a cada nova necessidade concreta e vital, ampliando e intensificando a diferença entre produção animal e humana, bem como, a produção de sua própria consciência como reflexo da realidade objetiva (DUARTE, 2013).

Marx e Engels corroboram nosso entendimento nas seguintes palavras:

[...] os homens, ao desenvolverem sua produção material e relações materiais, transformam, a partir da sua realidade, também o seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Pela primeira maneira de considerar a coisas, parte-se da consciência como o próprio indivíduo vivo; pela segunda, que é a que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos, e se considera a consciência unicamente como a sua consciência. (MARX; ENGELS, 2010, p. 52)



Na interação com a natureza, ao elaborar os meios e instrumentos para sua sobrevivência, o humano produz algo indispensável para seguir com o movimento vital da espécie, a saber, o *conhecimento*, que foi acumulado historicamente e sua socialização é de extrema importância para seguir com o movimento histórico da humanidade. Nas palavras de Martins (2013), este movimento propicia aos sujeitos a formação das propriedades humanas, das particularidades psicofísicas requeridas para produção de sua existência, bem como marca a transição da história natural dos animais para a história social dos indivíduos.

Em síntese, ao produzir sua existência dialogando com a natureza e com seus pares na ação de construir meios e instrumentos, o ser humano produz *conhecimento* útil para manter a vida da espécie. Tal conhecimento se expressa na forma material: na produção de instrumentos e ferramentas, bem como, na forma imaterial: como a produção de crenças, valores, leis, cultura, etc, elementos que são fundamentais para o metabolismo social dos grupos. Toda essa produção humana, Saviani (2013, p. 13) compreende na forma de “[...] natureza humana que não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica”. Do mesmo modo, concordamos com o posicionamento de Lessa (2011) ao passo em que o autor destaca que todo o conhecimento humano – o que faz parte da natureza humana – deva se tornar patrimônio de toda a sociedade a partir de sua generalização. O referido autor atenta para o fato de que o conhecimento deva ser generalizado, disseminado, semeado a todos os indivíduos, a saber, “[...] o que era de domínio de apenas uma pessoa torna-se de toda a humanidade” (idem, p. 25). É nesse processo de generalização e socialização dos saberes produzidos pela humanidade que a *educação* entra em cena.

A *educação*, nesta perspectiva, pauta uma mediação no processo de socialização do conhecimento e da linguagem produzida pelos homens e mulheres. Deste modo, entendemos que a função social da educação seja dispor a todos os seres sociais a cultura, o saber, o conhecimento, a linguagem humanamente produzida. Corroborando nosso entendimento, Martins (2013, p. 271) argumenta que os processos educativos produzem um terreno fértil para a aquisição das particularidades humanas e dos complexos comportamentos elaborados culturalmente, bem como do “legado objetivado pela prática histórico-social”. Segundo a autora, é neste movimento, portanto, que os sujeitos enriquecem seu universo de significações, superando as formas mais imediatas e aparentes dos fenômenos.

Diante do exposto, nossa intenção – ao tematizarmos sobre a Educação Física Escolar e a Cultura Corporal – é evidenciar o conhecimento produzido nesta área como produto do



*trabalho*, na dimensão de trabalho imaterial e indispensável para a existência humana como determinante e constituinte da corporeidade e da cultura dos sujeitos históricos e sociais. O que se delinea da sequência deste estudo é uma fundamentação teórica sobre a Cultura Corporal enquanto objeto de estudo da Educação Física e sua relevância em estar nos tempos/espços escolares suprindo a necessidade de sua transmissão e socialização.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para materialização e desenvolvimento de nosso estudo seguiremos uma revisão bibliográfica com referências da área a luz da filosofia marxista, pautada pelo Materialismo Histórico – Dialético. Para o processo de produção do conhecimento nesta perspectiva consideramos a historicidade dos processos sociais e dos conceitos, bem como as condições socioeconômicas de produção e as contradições que emergem das práticas sociais. Ademais, com o método dialético interpretamos a realidade de forma dinâmica e totalizante considerando suas categorias (GOMES; MINAYO, 2007; GIL, 2008).

Os procedimentos metodológicos, faremos usos de categorias em duas dimensões: categorias metodológicas e categorias de conteúdo. O trabalho com categorias, conforme posicionamento de Kuenzer (1998), propiciam critérios de seleção e organização da teoria e dos fatos que serão investigados/estudados em razão das finalidades da pesquisa/estudo, para dispor de princípios de sistematização com a finalidade de atribuir sentido, cientificidade, rigor e relevância ao objeto investigado. Por sua vez, Kopnin (1978), entende que as categorias são o reflexo do mundo objetivo e produto da atividade da matéria elaborada de forma organizada. Para o referido autor, as categorias são uma generalização dos fenômenos e existem de forma independente da consciência humana, seu o trato permite ao homem representar adequadamente a realidade em seu cérebro.

Em relação às categorias metodológicas (leis universais), como já mencionadas, àquelas que nos darão suporte investigativo serão constituída por categorias nas quais citamos: a *totalidade*, como sendo um conjunto de determinações econômicas, sociais e jurídicas que se relacionam, é a realidade como um todo estruturado que pode ser dialeticamente compreendido; a *mediação*, que abrange a interação das dimensões citadas anteriormente, sempre mediada por uma terceira dimensão, ou seja, é o conjunto das relações que se pauta com os fenômenos e com a totalidade; e a *contradição*, entendida como relações antagônicas que se estabelecem no interior dos fenômenos, tais relações produzem um movimento de ligação e unidade resultante das relações dos contrários que, ao se oporem



dialeticamente, incluindo ou excluindo o outro, se destroem ou se superam (KUENZER, 1998; KOSIK, 1976).

No que se refere às categorias de conteúdo (particular), Kuenzer (1998) pondera que estas são essenciais para compreensão das mediações no plano do particular, deste modo, investigando as relações, os conceitos, as formas de estruturação e organização a partir de recortes particulares, pautados pela natureza do objeto e finalidade da pesquisa, se concretizando, portanto, pela apropriação teórico-prática do conteúdo. Como categorias de conteúdo, elencamos: Trabalho-Conhecimento (pressupostos iniciais desenvolvidos no item das considerações iniciais); Educação-Educação Física; Cultura Corporal-Educação Física Escolar.

### **3 CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A CULTURA CORPORAL NA QUALIDADE DE OBJETO DE ESTUDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Em nossas considerações iniciais, elaboramos um percurso teórico sobre a produção da existência do gênero humano e da produção de conhecimento – dos saberes, da cultura – indispensável para produção de meios e instrumentos para seguir com o curso vital da espécie. Evidenciamos como a categoria *trabalho* foi/é fundamental para elaboração e sistematização de tais meios e conhecimentos e, por conseguinte, quão importante foi/é a educação como forma de generalização e socialização da cultura produzida na pretensão de humanizar os sujeitos e produzir em cada indivíduo a natureza humana objetivada.

Em relação ao processo de produção de conhecimento, saberes e ideias, Andery et al. (2014) argumentam que a significância desta produção humana está em proporcionar ao homem caminhos para entender e explicar racionalmente a natureza, estabelecendo leis que permitam a atuação humana. Para as autoras, o conhecimento se manifesta de várias formas como, por exemplo, senso comum, científico, teológico, filosófico, estético, entre outros, além disso, é determinado pelas necessidades materiais dos sujeitos no decorrer da história e pautado pelos antagonismos presentes nos modos de produção e nas transformações de um modo de produção em outro.

Freitas (1995), indo ao encontro do entendimento das autoras, explica que a organização e sistematização do conhecimento, em especial do conhecimento científico, está diretamente relacionado com o modo de produção material da sociedade. O autor, abordando sobre o trato com o conhecimento na sociedade capitalista, cuja organização enfatiza a



fragmentação entre trabalho-trabalhador, momento de concepção e momento de execução, justifica que esta organização produtiva corrobora com uma cisão do conhecimento e das ciências em compartimentalizações. Deste modo, a ciência passa ser organizada em ciências naturais e ciências sociais, reiterando a vinculação de dependência entre ciência e processo produtivo.

O referido autor ainda adverte que o processo produtivo determina a aplicação intencional das ciências naturais nos fenômenos sociais, ou seja, a ciência, majoritariamente da natureza, constitui-se força produtiva direta, acarretando, conseqüentemente, uma hierarquização das ciências em razão da lógica e dos interesses do capital. Em vista disso, na organização racional do conhecimento pautado pela lógica capitalista, as prioridades que em tempos passados estavam atreladas as necessidades do coletivo social, transferem-se para o suprimento das necessidades do indivíduo situado numa sociedade fragmentada, individualista e competitiva.

Considerando os argumentos expostos, ponderamos que a objetivação da natureza e da realidade concreta, manifestada nas diversas formas de conhecimento e saberes, compõe a totalidade dos fenômenos sócio-históricos estando diretamente implicada com a organização produtiva das bases materiais de elaboração da existência das sociedades. Esta forma de pensar e organizar o conhecimento reflete no processo de apropriação deste por parte dos sujeitos, projetando a concepção de homem e de sociedade que se pretende formar, pois prioriza determinada área de conhecimento que deverá ser útil à reprodução da lógica social vigente.

Entre os saberes produzidos e acumulados pela humanidade – que passaram a fazer parte do acervo/manancial cultural dos sujeitos, sendo fundamentais para a existência e sobrevivência humana, numa ação de objetivação e apropriação da natureza (biofísica e humana) – está situada a Educação Física. Esta, na qualidade de área de conhecimento, elucida-se de várias formas, tematizando, em especial, as manifestações e expressões da Cultura Corporal.

Escobar; Taffarel (2009), a partir da perspectiva dialética-marxista, compreendem a Educação Física como produto do trabalho humano não-material e que não se separa do ato de produção, subordinada a leis histórico-sociais, recebendo um valor de uso particular relacionada, entre outros, aos sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, competitivos dos seres humanos.



Como ponderamos nos escritos iniciais deste estudo, o que não provinha da natureza biofísica, o ser humano estava determinado a criar, construir e generalizar entre seus semelhantes. No que tange a Cultura Corporal, na passagem do homem primitivo ao homem contemporâneo, a construção de sua corporeidade esteve atrelada ao movimento histórico de conexão e transformação da natureza ao passo em que elaborava outras atividades e outros artefatos (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

A conexão e transformação do meio natural em que os sujeitos se inseriam, juntamente com a transformação de seu próprio ser, estavam pautadas pela necessidade de produzir e realizar as tarefas vitais, estabelecendo, pois, formas de desenvolvimento e transformação corporal, isto é, processo de construção das formas mais elementares e rudimentares de movimento (ESCOBAR; TAFFAREL, 2009). Esta produção corporal evoluía, portanto, a cada nova tarefa e a cada nova demanda, desenvolvendo uma nova habilidade, uma nova forma e expressão corporal, constituindo práticas corporais. A superação da condição postural, por exemplo, deu-se por meio das relações dos sujeitos entre si, na incumbência de aprender e aperfeiçoar as atividades corporais construídas a partir dos enfrentamentos da realidade e da necessidade humana estabelecida: fome, sede, frio, medo... (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

A espécie humana não tinha, na época de homem primitivo, a postura corporal do homem contemporâneo. Aquele era quadrúpede e este é bípede. A transformação ocorreu ao longo da história da humanidade como resultado da relação do homem com a natureza e com os outros homens. O erguer-se, lenta e gradualmente, até a posição ereta corresponde a uma resposta do homem aos desafios da natureza. Talvez necessitou retirar os frutos da árvore para se alimentar, construindo uma atividade corporal nova: “ficar de pé”. (idem, p. 39)

Convergindo com a perspectiva de Saviani (2013), na qual mencionou que o homem não nasce homem, mas se faz homem no curso da história, os autores nos advertem que nos primórdios da Educação Física, a partir da constituição das práticas corporais, o homem “[...] não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas.” (COLETIVOS DE AUTORES, 2012, p. 40).

Em síntese, toda esta produção corporal humana, se compõe enquanto práticas objetivadas e sintetizadas a partir da realidade concreta dos sujeitos, na qual, cada indivíduo juntamente com seus semelhantes, esteve em potencial capacidade de produzir códigos e símbolos sendo *a posteriori* incorporado a cada humano na forma de cultura, em especial, de





Cultura Corporal. Souza (2009) corrobora esta afirmativa ao ponderar que a apreensão da cultura manifestada na expressão corporal possibilita ao sujeito compreender-se numa perspectiva histórico-cultural.

Foi com o objetivo de fazer e possuir cultura que homens e mulheres, sob um processo de aprendizado, apreenderam a natureza transformando-a em patrimônio cultural. Desta forma, a expressão corporal deve ser refletida que o sujeito consiga compreender-se e compreender a realidade numa visão histórico-cultural. (idem, p. 83)

Os códigos e símbolos corporais – sistematizados e manifestados na forma de cultura, conhecimento – constituem a materialidade corpórea da Educação Física, a qual estabelece como objeto de análise e estudo a Cultura Corporal, socialmente produzida, historicamente acumulada pela humanidade e, ademais, possuindo a necessidade de ser transmitida às novas gerações na forma de conteúdos de ensino com a intenção de complementar a totalidade humana de cada indivíduo.

Considerando a relevância que atribuímos ao trato com o conhecimento da Cultura Corporal como prática social objetivada-sistematizada socializada nos diversos tempos e espaços como, por exemplo, na educação escolar, concordamos com Coletivo de Autores (2012, p. 39) quando estes entendem que a materialidade corpórea – Cultura Corporal – tornou-se uma conquista da humanidade sendo, deste modo, uma “[...] produção humana que transformou-se num patrimônio cultural da humanidade. Todos os homens apropriaram-se dela incorporando-a ao seu comportamento”. Para os autores, a Cultura Corporal possibilita o entendimento da concepção de homem e realidade dentro de uma visão de totalidade e ao ser tratada no ambiente escolar, integrada ao currículo, numa abordagem crítico-superadora:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (Idem, p. 39)

No entendimento de Bracht (1999) a Educação Física não se constitui como uma ciência, porém o autor apresenta em seu posicionamento que a Educação Física se configura como uma prática de intervenção caracterizada e constituída pela intenção pedagógica, ou seja, uma prática pedagógica com um corpo de conhecimentos específicos que está atrelada a ciência – vincula-se aos pressupostos da racionalidade científica e da racionalização da Educação Física – para buscar fundamentação e embasamento teórico-científico para materialização de sua prática pedagógica (SOUZA, 2009).



Ao atribuímos à Cultura Corporal a condição de objeto da Educação Física – indispensável para existência humana – levamos em consideração os apontamentos de Bracht (1999), pois, para o autor, o objeto de uma prática social se constitui no movimento histórico e social. Os pressupostos para definir o objeto da área estão diretamente atrelados à função social a ele estabelecido no interior da prática social, ou seja, para sustentarmos a materialidade da Cultura Corporal enquanto objeto da Educação Física, devemos-nos atentar ao seu papel social nas relações humanas e culturais, sua função deve estar explicitamente vinculada às necessidades do coletivo social para projetar um determinado projeto histórico de sociedade, estabelecido por uma forma de conhecimento utilizado para assegurar suas bases de ampliação e emancipação intelectual e cultural.

Na perspectiva de objetivar uma Educação Física possuidora de um objeto que tenha uma função social definida e ligada às necessidades do coletivo social, considerando a organização social capitalista – produto das contradições da luta de classes e do antagonismo de interesses –, Daolio (2010) reitera que a concepção estabelecida pela Cultura Corporal se movimenta favoravelmente ao encontro dos interesses das camadas populares da sociedade brasileira. Em consonância com o referido autor, o Coletivo de Autores (2012, p. 41) proferem a seguinte perspectivação sobre a Cultura Corporal no contexto da Educação Física escolar:

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a Cultura Corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre os valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com a apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão de movimentos – a emancipação –, negando a dominação e submissão do homem pelo homem.

Para Souza (2009) é na relação dialética, histórica e sem fim entre apropriação e objetivação da natureza para produção do gênero humano, que se situa a prática social da Cultura Corporal e, desde os tempos mais remotos, segue o movimento de constituição dos sujeitos a tornar-se humano. Para a autora,

As posturas corporais juntamente com as posturas morais e valorativas ao longo da história constituem o ser humano em verdadeiramente humano, dotado de cultura. À medida que a prática social humana foi tornando-se complexa, resultante dos desafios postos na relação sujeito e natureza, as atividades corporais aperfeiçoaram-se, tornando-se também, atividades produtoras e produtivas da história da humanidade. (SOUZA, 2009, p. 88)



Frizzo (2013), por sua vez, compreende a Cultura Corporal manifestada nas sistematizações elaboradas a partir da atividade humana imaterial, como resposta às condições históricas e materiais estabelecidas pela transformação da sociedade. Para o autor, esta perspectiva é um produto da necessidade humana que emerge nos sentidos das demandas coletivas e adquire, portanto, “[...] existência objetiva dialeticamente relacionada à atividade produtiva (trabalho) e à consciência, ou ainda, sua subjetividade.” (FRIZZO, 2013, p. 201).

O autor supracitado – ao realizar uma discussão em torno do objeto de estudo da Educação Física, considerando as contraposições dos limites científicos, filosóficos e políticos – por meio da corrente filosófica materialista e dialética, reitera a manifestação da Cultura Corporal como objeto de estudo da área em contraste com as perspectivas idealistas pautadas a partir da concepção de Movimento Humano e Cultura Corporal de Movimento. A Cultura Corporal se constitui no movimento histórico de produção da existência humana mediada pela categoria *trabalho*, considerado atividade humana produtiva de suas dimensões objetivas e subjetivas, da mesma forma que a cultura é produto da atividade dos sujeitos na relação com seus pares. Deste modo,

A definição de Cultura Corporal como objeto de estudo da EF, assume princípios científicos e filosóficos materialistas onde a atividade Humana (e não o movimento) é o fundamento da produção desta parte da cultura, as suas manifestações são concebidas através de suas significações socialmente construídas e de seu sentido de momento histórico [...]. (FRIZZO, 2013, p. 203).

O que priorizamos é o ensino dos elementos da Cultura Corporal a partir da prática pedagógica da Educação Física. Priorizamos generalizar e socializar, numa abordagem crítico-dialética, o acervo cultural pertencente aos educandos – à humanidade – de forma sistematizada e elaborada para que possam ser apropriadas e imbricadas ao sujeito e, ademais, como elementos fundamentais para fazer parte da completude existencial do gênero humano. Nesta perspectiva, Souza (2009, p. 82) profere um fato importantíssimo a ser considerado no processo de pensamento da existência humana, “[...] o conhecimento não nasce e acaba com o sujeito. Ao contrário, toda experiência de um indivíduo é transmitida aos outros, criando um interminável processo de acumulação, no qual se adquire o novo, conservando-se o antigo”. A transmissão do conhecimento, portanto, contribui para ampliar o acervo intelectual, motor, afetivo etc, (de experiências) dos indivíduos, pois avança nas formas de apreender e reproduzir a realidade e elabora meios de se relacionar com o mundo na pretensão de produzir



novos sentidos e significados dando nova conotação ao existente a partir do “ato de nascimento que se supera”<sup>3</sup>, imprescindível para suprir as necessidades da existência humana.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a título de considerações finais, destacamos que nosso estudo explicitou a centralidade da categoria *trabalho* na qualidade de atividade vital humana e, sobretudo, consciente, bem como, produtora de instrumentos, saberes, cultura e, acima de tudo, produtora de vida. Reiteramos, nesta perspectiva, a socialização e apropriação dos bens – materiais e imateriais – produzidos pelos sujeitos na relação com a natureza e com seus pares mediados pelo *trabalho*, como forma de preservar e progredir com o movimento produção da existência humana.

Dentre os saberes produzidos pela humanidade destacamos a Educação Física e, em especial, a Cultura Corporal, constituída pela materialidade corpórea e manifestada na qualidade de determinante da cultura humana a partir da sistematização das práticas corporais. Deste modo, sua produção preservada ao longo da história e concebida como patrimônio cultural da humanidade deve estar à disposição dos sujeitos para incorporação e apreensão, contribuindo, portanto, para elaboração de sua corporeidade e ampliando seu acerco cultural.

Por fim, como *lócus* particular – e até mesmo privilegiado (SANTOS JUNIOR, 2018) – para o processo de transmissão e apropriação de conhecimento, legitimamos e reconhecemos o tempo/espaço escolar. Resguardamos à escola a responsabilidade de ambiente socializador dos saberes produzidos e acumulados pela humanidade – em especial, o conhecimento da Cultura Corporal por meio de sua prática pedagógica e de intervenção – para, pois, formar sujeitos críticos capazes de apreender a realidade objetiva e atuar sobre ela de forma ativa e protagonista, manifestando-se corporal-culturalmente na coletividade e nos tempos/espacos sociais.

---

<sup>3</sup> Duarte (2013) explica que a realização da atividade vital, que visa à satisfação de necessidade humanas, emerge necessidades qualitativamente novas, que, para serem satisfeitas, exigem determinada elevação da atividade a um nível de desenvolvimento e complexidade maiores, seguindo um processo sem fim. Para o autor, é neste sentido que Marx denominada a história de “ato de nascimento que supera”.



## REFERÊNCIAS

ANDERY *et.al.* Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz.** Ijuí: Editora Unijuí, 1999b.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** 2ed. ver. São Paulo: Cortez, 2012.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de Cultura.** 3ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo.** – 3ed.rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

ESCOBAR, M. O.; TAFFAREL, C. N. Z. A cultura corporal. In HERMIDA, Jorge Fernando (org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar.** João Pessoa: EDUEPB, 2009,

FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** - Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FRIZZO, G. Objeto de Estudo da Educação Física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento. **Motrivência** Ano XXV, Nº 40, P. 192-206 Jun./2013

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, S; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25ªed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KOPNIN, P. V. **A Dialética como lógica e teoria do conhecimento.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto.** – 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, A. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. (org). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LESSA, S. **Introdução à filosofia de Marx.** 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, 2013.



MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** – 4.reimp. – São Paulo: Boi Tempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** 3.reimp. São Paulo: Martin Claret, 2010.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico – Crítica: primeiras aproximações.** 11ªed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013ª.

SANTOS JUNIOR, C. L. A pedagogia histórico-crítica e o papel da escola e do professor: elemento para pensar a escola da transição. In PASQUALINI, J.; TEIXEIRA, L.; AGUDO, M.; (org). **Pedagogia Histórico-Crítica: legado e perspectivas.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SOUZA, M. **Esporte Escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal.** São Paulo: Ícone, 2009.